



Ensino, pesquisa e extensão: diálogos de saberes a partir de uma experiência de educação popular e agroecologia

MIRLEIDE BORGES DA SILVA
MAIRES SANTOS DA SILVA SANTANA
ROGÉRIO OLIVEIRA DO SANTOS
THAINÁ CORREIA DOS SANTOS ARAUJO
LUANA PATRÍCIA COSTA SILVA

Teaching, research and extension: dialogues
of knowledge from an experience of popular
education and agroecology

Ensino, pesquisa e extensão: diálogos de saberes a partir de uma experiência de educação popular e agroecologia

Teaching, research and extension:
dialogues of knowledge from an
experience of popular education
and agroecology

PALAVRAS-CHAVE
ESTÁGIO. EDUCAÇÃO
NÃO ESCOLAR.
DIÁLOGO DE SABERES.
AGROECOLOGIA.

RESUMO Este artigo tem a proposta de dialogar a partir das experiências vivenciadas no campo de Estágio Supervisionado em Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares, do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB, apresentando a articulação realizada entre ensino, pesquisa e extensão por meio do desenvolvimento de propostas realizadas junto à Feira Agroecológica Prosas do Campo: Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária, da cidade de Amargosa, Bahia. O objetivo principal foi compreender como a Feira Prosas do Campo, enquanto território de produção do conhecimento, articula experiências formativas a partir do diálogo de saberes, tendo como base teórica os estudos de Freire (1983, 1987); Ghanem; Trilla (2008); Garcia (2006) e Severo (2015), os quais abordam a educação não escolar como um processo de valorização dos conhecimentos populares e das trocas de saberes. Para isso, este artigo está subdividido em seções que discutem sobre o desenvolvimento, as propostas e ações, assim como os resultados obtidos mediante as intervenções realizadas em campo de estágio, tendo vista a perspectiva do ensino e da extensão.

KEYWORDS
INTERNSHIP.
NON-SCHOOL
EDUCATION. DIALOGUE
OF KNOWLEDGE.
AGROECOLOGY.

ABSTRACT The purpose of this article is to discuss the experiences of the Supervised Internship in Management of Pedagogical Work in Non-School Environments, in the Pedagogy degree course at the Teacher Training Center – CFP/UFRB, and to present the link between teaching, research and extension through the development of proposals carried out at the Prosas do Campo Agroecological Fair: Family Farming and Solidarity Economy Fair, in the city of Amargosa-BA. The main objective was to understand how the Prosas do Campo Fair, as a territory for the production of knowledge, articulates formative experiences based on the dialog of knowledge. The theoretical basis of this study was FREIRE (1983, 1987); GHANEM; TRILLA (2008); GARCIA (2006); SEVERO (2015), who approach non-school education as a process of valuing popular knowledge and the exchange of knowledge. To this end, this article is subdivided into sections that discuss the development, proposals and actions as well as the results obtained through the interventions carried out in the internship field from the perspective of teaching and extension.

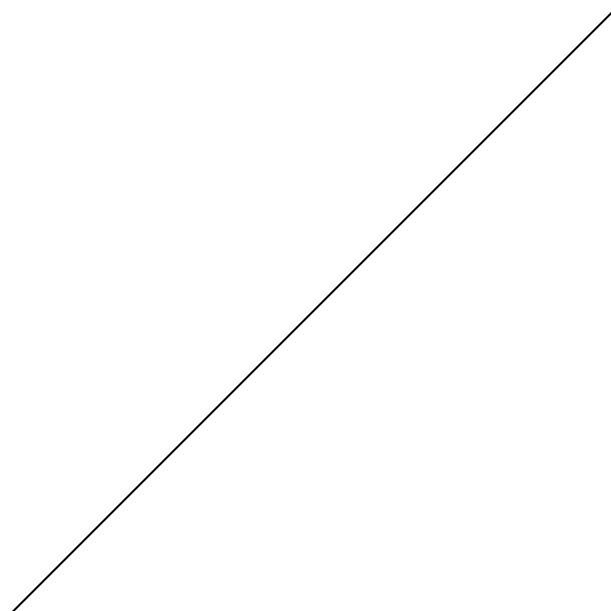
MIRLEIDE BORGES DA SILVA
*Graduada em Pedagogia, Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia.*
E-mail: hillarysilva321@gmail.com

**MAIRES SANTOS DA SILVA
SANTANA** *Graduada em Pedagogia,
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia. E-mail: mairess493@gmail.com*

**ROGÉRIO OLIVEIRA DO
SANTOS** *Graduado em Pedagogia,
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia. E-mail: olliveiraroger17@gmail.com*

**THAINÁ CORREIA DOS SANTOS
ARAUJO** *Graduada em Pedagogia,
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia. E-mail: thainacorreia42@gmail.com*

**LUANA PATRÍCIA COSTA
SILVA** *Doutora em Educação,
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia. E-mail: luanacosta@ufrb.edu.br*



INTRODUÇÃO O presente artigo trata de uma experiência oriunda do componente curricular de Estágio Supervisionado em Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), realizado na Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária Prosas do Campo, existente na cidade de Amargosa, Bahia, situada na praça Lourival Monte, espaço escolhido para campo de estágio. A feira, que promove a valorização da cultura, da Educação Popular e das práticas agroecológicas, proporciona atividades de formação, de planejamento, exposição dos produtos, montagem das barracas e atrações culturais, aspectos que a caracterizam como trocas de saberes.

A Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária Prosas do Campo integra a Associação de Trabalhadores da Educação, Cultura e Arte de Amargosa (TECART), a Cooperativa de Agricultura Familiar e Economia Solidária do Vale do Jiquiriçá (COOAMA) e o Programa de extensão Tecelendo, Amargosa Artesanatos (AMA'RTS). Acontece todas as sextas-feiras das 18 horas às 21 horas, na Praça do Jardim Lourival Monte. Ela se materializa em um ambiente não escolar configurado como um espaço formativo, diante das atividades que são feitas e os conhecimentos trazidos por cada participante que vivencia esse lugar.

Dito sob outro aspecto, também é uma característica da feira a demarcação dos saberes tradicionais dos seus coletivos como potencializador dos processos formativos a cada etapa da sua realização. Neste sentido, torna-se um espaço que promove ensino e aprendizagens, caracterizando, assim, uma educação que acontece fora do contexto escolar.

Dentro dessa ótica, articula-se a proposta da Prosas do Campo, sendo um espaço de ensino, por integrar diferentes saberes na socialização das experiências, e de extensão, por acontecer também vinculada ao programa de extensão TECELENDO, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia CFP/UFRB, e para além disso, por permear a comunidade, a partir da participação de diversos coletivos que constroem esse espaço de valorização dos saberes e culturas populares, da agroecologia e economia solidária.

A Prosas do Campo é um espaço primordialmente de Educação Popular, uma vez que se dirige a pessoas da classe trabalhadora,

garantindo a esses sujeitos, além de um espaço de exposição de seus produtos, a construção de diálogos formativos a partir dos princípios da coletividade e da humanização.

A parte prática do estágio foi pensada a partir da pesquisa, buscando articular os saberes produzidos nos diferentes espaços, a exemplo da *Prosas do Campo* como sendo um espaço de extensão e que está situado fora da universidade, mas que, ao mesmo tempo, busca integrá-la junto à comunidade. Enquanto perspectiva de pesquisa, foram realizadas observações, com caráter investigativo, propostas de intervenções, nas quais foram desenvolvidas atividades coletivas e finalização com roda de conversa, em um diálogo com os agricultores e expositores da feira, no sentido de evidenciar seus saberes a partir de cada contexto.

Diante das observações iniciais, foi possível fazer uma análise para, posteriormente, serem pensadas algumas propostas de intervenção que pudessem contribuir perante a realidade em que o espaço se encontrava. Algumas atividades foram realizadas a partir de um momento de diálogo com os(as) expositores(as) que são membros da feira.

A imersão nesse ambiente foi indispensável para entender como se concretizam as ações realizadas e com qual intencionalidade elas são direcionadas para os sujeitos, sendo este um de seus princípios. Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho foi compreender como a Feira *Prosas do Campo*, enquanto território de produção do conhecimento, articula experiências formativas a partir do diálogo de saberes.

METODOLOGIA Em função do objeto deste artigo, que realiza uma abordagem sobre o ensino, a pesquisa e a extensão, dialogando com saber a partir de uma experiência de Educação Popular e Agroecologia, propusemos a experienciar o campo de estágio de Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares no coletivo da Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária *Prosas do Campo*, levando em consideração o processo de trocas de saberes, a valorização da agricultura familiar e da economia solidária, a Educação Popular, da Agroecologia e dos saberes tradicionais.

Para o desenvolvimento do estágio junto à feira *Prosas do Campo*, realizamos, inicialmente, um período de observações, o qual nos permitiu conhecer o espaço da feira, assim como maior aproximação e participação no campo de estágio. De acordo com Gil (2008), “a observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano” (GIL, 2008, p.100). Esse período foi importante para a construção de vínculos com as pessoas e para melhor conhecer o campo de estágio.

Na perspectiva da pesquisa-ação, Thiollent (1986) menciona que

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

A partir da ideia da pesquisa-ação (uma proposta metodológica de cunho qualitativo que se desenvolve por meio da colaboração do coletivo), foram realizadas algumas atividades junto ao grupo. Estas, por sua vez, foram pensadas com todos os integrantes da feira na reunião mensal que acontece na última terça-feira de cada mês, com o objetivo de avaliar

o mês que está se findando e planejar o próximo. No entanto, a nossa participação nestas atividades deu-se por meio da organização e do desenvolvimento das ações propostas pelo coletivo.

Dessa forma, estas ações possuem elementos da pesquisa-ação, pois, “ao trabalharmos com investigação temática ou pesquisa-ação, o sujeito e o objeto de conhecimento compõem uma mesma realidade em unidade e, ao mesmo tempo, em contradição dialética” (PINTO, 2014, p. 824). É importante que o pesquisador conheça a comunidade a partir de suas relações mais elementares. Percebe-se, assim, que este trabalho é fruto de vivências e dialoga muito com a realidade das pessoas envolvidas.

Forjado nesta concepção, Pinto (2014, p. 824) salienta, dizendo que “a linguagem constitui-se ferramenta essencial nesse processo: conhecendo a dinâmica, as demandas e os interesses provenientes da comunidade, é possível investigar o sentido e ter consciência do poder das palavras para os sujeitos da pesquisa”. A partir da troca de saberes e das narrativas das pessoas, elas conhecem como se constitui, em suas vidas, a experiência com a Prosas do campo.

A forma de colher esses dados deu-se a partir da história oral. Segundo Meihy e Holanda (2015, p.19), a “história oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no tempo presente”. Neste sentido, é possível entender as narrativas dos colaboradores da Prosas do Campo, possibilitando conhecer interpretações e reflexões sobre a importância desse lugar em suas vidas, que é a feira agroecológica.

Além disso, Meihy e Holanda (2015, p. 73) acrescentam “como forma de saber, a história oral é um recurso atento ao uso do conhecimento da experiência alheia, que se organiza com nítida vocação para a essência de trajetórias humanas”. Então, por meio deste recurso, foi possível compreender quais são os saberes presentes nas experiências dos expositores da feira ao longo de seus processos identitários e de iniciação e participação na Prosas do Campo, por meio das narrativas apresentadas durante o momento de diálogo.

Algumas atividades foram realizadas a partir de um momento de diálogo com os expositores da feira, que são agricultores(as) membros dela. Como ação da pesquisa na perspectiva da Pesquisa-ação, realizamos, com o grupo Prosas do Campo, um projeto de intervenção cujo objetivo era construir coletivamente, por meio da pesquisa, práticas extensionistas e diálogo de saberes, processos de (re)leituras de narrativas e ampliação da participação da comunidade local na Feira Prosas do Campo da cidade de Amargosa, Bahia.

Outra ação do estágio articulado à concepção de Pesquisa-ação foi o trabalho realizado a partir das vivências dos(as) agricultores(as) que participam e expõem na Prosas do Campo, no sentido de oportunizar um trabalho com as narrativas, para que estas pessoas narrassem as próprias vivências enquanto sujeitos que vivem no e do campo. Sendo assim, buscou-se reconhecer e valorizar como se constitui, na prática, essa esfera de ensino e aprendizagens mútuas em coletividade, que é a Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária, a qual possui especificidade e intencionalidade que o espaço do ensino e extensão mantém em sua essência, podendo ser usado como fator indissociável de suas práticas, e isso se configura como potencializador para a construção de sujeitos autônomos e emancipados.

REFERENCIAL TEÓRICO A Educação Popular permeia as pessoas em espaços, tempos, culturas e povos. Há elementos e características que a configuram e a diferenciam de qualquer outra prática educacional. A Educação Popular surge e ocorre a partir das trocas de saberes entre pessoas, comunidades tradicionais, grupos sociais, movimentos sociais que compartilham das mesmas práticas e objetivos por meio do diálogo e das vivências, visando discutir e propor ações com perspectiva de transformar a realidade em que vivem em busca de compreender as relações que existem no mundo e as transformações que nele ocorrem.

Os saberes populares estão presentes em todo nosso existir, fazem parte do processo histórico da nossa cultura, da nossa arte, da nossa educação, da nossa medicina tradicional, da nossa culinária, da nossa fé, da nossa identidade. Agroecologia, como aqui é vista na perspectiva de valorização da identidade camponesa e do saber ancestral em primeira instância, visa, assim, evidenciar os conhecimentos que a ancestralidade das comunidades tradicionais tem desenvolvido culturalmente para permanecer produzindo alimentos livres de veneno.

A agroecologia dialoga e bebe da fonte dos conhecimentos populares e tradicionais e das experiências da vida em comunidade. Forjado nesta concepção, Figueiredo (2017, p.47) destaca que, “para o campo agroecológico, é fundamental ir até as raízes culturais de grupos sociais que a partir de sistemas cognitivos próprios, desenharam modos de vida baseados na sustentabilidade social, econômica e ecológica, em distintas partes do mundo”. O autor refere-se aos saberes imersos nas diversas práticas dos povos e comunidades tradicionais, conhecimentos estes que têm como princípio a preservação do meio ambiente, a qualidade de vida das pessoas e a economia.

Nesses termos, podemos dizer que a pluralidade do saber é dinâmica, “com isso, estamos dizendo que cada cultura, cada povo a partir de suas especificidades e contextos, têm modos próprios de produzir conhecimentos que devem ser respeitados, reconhecidos e valorizados” (FIGUEIREDO, 2017, p. 49). O conhecimento produzido historicamente, sobretudo, nos dias atuais, precisa ser considerado como parte importante de nossa história.

Neste sentido, o espaço não escolar torna-se articulador das experiências formativas a partir das trocas de saberes. Em síntese, “compreende-se que a educação não escolar pode ser conceituada como uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas situadas fora da escola” (SEVERO, 2015, p. 565). Sendo assim, reconhecemos que, em diferentes espaços, acontecem processos de educação de tamanha importância quanto à educação disseminada nos espaços escolares.

De acordo com essa afirmativa, Brandão (2009) assim esclarece:

Pela primeira vez surge a proposta de uma educação que é popular não porque o seu trabalho se dirige a operários e camponeses prematuramente excluídos da escola seriada, mas porque o que ela “ensina” vincula-se organicamente à possibilidade de criação de um saber popular, por meio da conquista de uma educação de classe, instrumento de uma nova hegemonia (BRANDÃO, 2009, p. 32).

Um espaço de Educação Popular, como a *Prosas do Campo*, configura-se como lugar de resistência e de valorização dos saberes populares, reafirmando a luta por uma educação que dialogue com a vida na criação de um mundo melhor, principalmente para a classe trabalhadora.

Os ambientes não escolares de aprendizagem possuem, muitas vezes, genuinamente, vínculos com as perspectivas da extensão. Também são eles os espaços possíveis de realização dos estágios, principalmente ao se tratar do nosso campo de estudo, a Feira Prosas do Campo, localizada em Amargosa, Bahia. A Feira Prosas do Campo nasceu junto ao Projeto de Extensão Tecelendo e se configura como um espaço também pedagógico de aprendizagem.

Freire (1983, p. 16), em *Extensão ou Comunicação?*, sinaliza que a aprendizagem se estabelece a partir das relações concretas. O autor pontua:

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só se aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende (FREIRE, 1983, p. 16).

A extensão permite articular saberes da universidade com a comunidade de forma significativa, a partir de um diálogo popular, potencializando a interação entre os diferentes saberes. Em outros termos, ela pode ser entendida como prática, é um processo educativo fora dos muros da universidade, permitindo a ampliação do conhecimento numa relação transformadora entre a academia e a comunidade (MELO, 2002).

Nesta perspectiva, entende-se que a extensão universitária projeta-se para além de seus muros e interage com a sociedade, uma vez que “é entendida em termos de difusão da cultura e de integração da universidade com o ‘povo’” (MELO, 2002, p. 11). A partir dessa afirmação, percebe-se um dos princípios da extensão. Assim, a Prosas do Campo é este espaço de difusão da cultura e que integra a universidade e a comunidade. Nesse sentido, consiste em um território de produção do conhecimento que articula experiências formativas a partir do diálogo de saberes.

No que se refere ao ensino, o componente de estágio permitiu conhecer os diferentes espaços onde ocorrem os processos educativos. O programa de extensão como campo de estágio tornou-se uma experiência viva de que a educação rompe muros e se faz presente nos diferentes espaços, reafirmando que o processo de aprendizagem é dialético e dinâmico, sendo a perspectiva da Educação Popular base do Programa de Extensão Tecelendo, o qual busca consolidar a formação política e humana e o fortalecimento da coletividade a partir da troca de saberes e valorização do saber popular.

O campo de estágio em ambientes não escolares é considerado um elemento fundante na articulação das experiências contidas no processo de formação de pedagogas e pedagogos. Ele favorece um momento de vivências experienciadas na relação e na construção de saberes entre os sujeitos para além da escola, podendo ser um fecundo espaço de articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Nesse sentido, Severo (2015 p. 565) situa:

A educação não escolar com o paradigma de aprendizagens ao longo de toda vida de modo que representa ações que prolongam os tempos e os espaços de formação e autoformação, com base em necessidades contextuais dos sujeitos e das comunidades, atuando como mecanismo catalisador da articulação dos saberes diante das necessidades emergentes nas esferas das sociabilidades humanas e do trabalho.

Corroborando tal afirmação, o processo de aquisição de aprendizagens perpassa durante toda a construção de identidade, e os contextos são influenciadores e colaboram para os processos formativos. Visto sob este aspecto, entende-se que o espaço da Prosas do Campo valoriza e reconhece todos os saberes que circulam em seu interior, por ser um espaço que garante a inclusão e a valorização dos conhecimentos acumulados pelos sujeitos, sendo um espaço extremamente significativo de aprendizagem. Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho foi compreender como a Feira Prosas do Campo, enquanto território de produção do conhecimento, articula experiências formativas a partir do diálogo de saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

❶ **1º MOMENTO – CONHECENDO A EXPERIÊNCIA** A Prosas do Campo, como extensão da universidade, tem como objetivo a valorização da agricultura familiar, da Educação Popular, que permite a comunidade de Amargosa conhecer, valorizar e vivenciar esses conhecimentos e saberes. Trata-se de um lugar onde se materializam ações de agroecologia e Educação Popular, principalmente, em vendas de produtos agroecológicos, comidas, artesanatos e atividades culturais. Nela se articula o ensino, por meio da troca de saberes, e a extensão, por estar para além dos muros da universidade, e acontece em praça livre, caracterizando-se como pesquisa a partir da disseminação dos saberes populares.

Diante disso, a educação não formal é “[...] toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis” (GHANEM; TRILLA, 2008, p.31). As aprendizagens adquiridas nesses espaços considerados não escolar repercutem em um tipo de educação porque acontecem práticas educativas e formativas.

Este espaço constrói conhecimentos e ações direcionados à emancipação dos sujeitos inseridos nesse ambiente não escolar. Este processo acontece por meio da valorização cultural e da Educação Popular. Diante disso, Ghanem e Trilla (2008) dizem que a educação configura-se na escola, na família e em outros espaços, como museus, bibliotecas, rua, cinema, nas reuniões, nos jogos, etc. Nesses diferentes ambientes, ocorrem, igualmente, processos de educação.

Os autores continuam enfatizando que “nesse tipo de educação é ou a metodologia, o procedimento, ou o agente, a instituição, ou o marco no qual em cada caso se gera ou se localiza o processo educacional” (GHANEM; TRILLA, 2008 p.29). Nesses termos, reconhecemos a Prosas do Campo como esse espaço educativo que, por meio de práticas da Educação Popular, gera a construção do saber, pensando a sociedade do ponto de vista da transformação social.

A feira é um espaço de trocas de saberes. Reconhece-se essa dialogicidade entre os diversos conhecimentos, de modo que nenhum saber é desvalorizado, e podemos sempre aprender com o outro, compreendendo que “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes” (FREIRE, 1987, p.68). É nesta perspectiva que a Prosas do Campo tem, como princípio educativo, a Educação Popular, que valoriza estes saberes de maneira que estes sujeitos tenham mais autonomia no sentido da

formação emancipadora para compreender as relações sociais emergentes da sociedade.

Sendo assim, pensamos na proposta de divulgação da feira com a intencionalidade de elevar a participação da comunidade para conhecer as atividades, comprar os produtos orgânicos e artesanais vendidos na Prosas do Campo, bem como o fortalecimento da agricultura familiar, da economia solidária e da cultura popular da cidade Amargosa. A divulgação foi realizada com a intenção de elucidar o que é essa feira Prosas do Campo e sua importância para a comunidade, assim como ela se configura como um processo formativo tanto para os estagiários que atuam nesses espaços quanto a contribuição para a construção de conhecimentos dos sujeitos que a integram.

Diante das observações e reuniões ocorridas no decorrer do estágio, buscamos também trabalhar a partir das narrativas desses sujeitos que fazem parte da Prosas do Campo por meio da história oral, para que cada um pudesse narrar seus conhecimentos e vivências no decorrer de suas vidas. Nosso projeto de intervenção junto ao coletivo concretizou-se dessas duas maneiras: divulgação da Prosas do Campo e das narrativas de vida dos agricultores e agricultoras da cidade de Amargosa.

Nesse sentido, acreditamos ser possível promover a participação de mais pessoas neste espaço, à medida que se promove a divulgação do projeto da Prosas Campo, que se materializa na feira semanalmente. Assim, esse processo provoca possibilidades do reconhecimento deste espaço não escolar, que, por sua vez, vem colaborando para a constituição e a formação de sujeitos mais emancipados e críticos. A feira busca articular atividades de cunho coletivo e propicia aos participantes construção de conhecimentos e relações mútuas a partir das atividades de formação, de planejamento, exposição dos produtos, montagem das barracas e atrações culturais que as caracterizam como trocas de saberes.

Pensando no desenvolvimento das ações de intervenção, a divulgação da feira se deu por meio destes dois veículos, carros de som, que circularam por duas manhãs pelos bairros e centro de Amargosa, a fim de atingirmos diferentes pessoas das diversas localidades da comunidade amargosense.

No que diz respeito às vivências e às narrativas dos(as) agricultores(as) que expõem na Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária Prosas do Campo, foi dada outra perspectiva para a sua realização, pois não conseguimos fazer essa coleta de dados com essas narrativas na data que tínhamos marcado com o coletivo Prosas do Campo. No entanto, conseguimos realizá-la no último dia de estágio por meio de uma roda de conversa com os(as) agricultores(as) e com outros expositores da feira, tendo sido possível realizar este momento de diálogo e trocas de experiências. Este momento possibilitou a análise qualitativa quanto a algumas narrativas de cada sujeito.

☛ 2º MOMENTO - PRÁTICA DO PROJETO COLETIVO/PEDAGÓGICO

Discorrendo sobre a parte prática do estágio, elaboramos um projeto de intervenção junto ao coletivo Prosas do Campo, tendo como base as problemáticas emergentes no campo de estágio naquele período, que foi a pouca participação e valorização da feira por parte da comunidade local, bem como a necessidade de trabalharmos com as narrativas dos(as) agricultores(as), para que narrassem suas próprias vivências enquanto

sujeitos que vivem no e do campo, o que nos permitiu diversas vivências e trocas de saberes nesse campo de ensino e aprendizagens.

Garcia (2006, p. 1) afirma:

É característico da educação não-formal, um outro jeito de organizar e perceber a relação ensino-aprendizagem, educador/educando, produção de conhecimento no processo educacional. Uma dessas características é a importância e relevância das ações da prática e dos saberes e fazeres cotidianos.

Visto sob este aspecto, entende-se que a feira colabora para aprendizagens nos diversos âmbitos social, político, econômico e cultural, abarcando as especificidades de seus colaboradores, assim como evidenciando e valorizando seus trabalhos, sendo necessário entender como se dão as relações e os diálogos constituintes da prática mediante a elaboração e a permanência da feira semanalmente.

Este espaço proporciona, para estes sujeitos, diversos conhecimentos, a valorização do seu lugar enquanto agricultores(as), a importância da agricultura familiar e da economia solidária, o que contribui de maneira significativa para a sua formação humana por meio das trocas de saberes, no sentido de que somos constituídos por uma bagagem cultural carregada de saberes tradicionais adquiridos através do meio em que vivemos, bem como os conhecimentos que são transmitidos de geração em geração.

Partindo deste pressuposto, os caminhos percorridos para a realização das ações as quais propusemos a desenvolver junto com o coletivo Prosas do Campo foram a realização da divulgação por meio da vinheta, através do carro de som, seguida da elaboração e da panfletagem do folder no centro de Amargosa. Estas duas ações no coletivo foram pensadas justamente com o objetivo de elevar a participação e a valorização da Prosas do Campo pela comunidade, uma vez que a maioria da comunidade ainda não sabe sobre a existência da feira, mesmo sendo realizada em um espaço público.

Como resultados obtidos mediante as propostas de intervenções, percebemos que o projeto de divulgação teve êxito, pois, durante as últimas noites de participação junto ao coletivo Prosas do Campo, houve um número considerável de pessoas da comunidade frequentando a feira, adquirindo seus produtos e participando das atividades culturais propostas pelo coletivo. O espaço da feira é um lugar muito acolhedor, repleto de pessoas simples, um lugar cheio de saberes, experiências e vivências que só têm a acrescentar na vida de quem experimenta a Prosas do Campo.

Quanto às narrativas e vivências dos(as) agricultores(as) e dos(as) outros(as) expositores(as) colhidas durante a roda de conversa no último dia de estágio, no entanto, evidenciaremos a partir daquilo que estes sujeitos mais abordam em suas falas. Neste sentido, durante o nosso diálogo, compreendemos a importância de permitir que estas pessoas narrassem as próprias histórias e vivências enquanto pessoas que vivem no e do campo.

Percebemos a alegria estampada em seus rostos quando falam do campo e do orgulho que sentem em ser agricultores familiares, assim como evidenciam que o trabalho do campo não é árduo, mas, sim, um trabalho que eles sentem prazer em desenvolver, ressaltando os meios de manuseio da terra que foram transmitidos pelos seus antepassados e que passam de geração em geração. No entanto, a juventude camponesa,

muitas vezes, não dá a mesma interpretação ao trabalho com a terra, almeja outros espaços, uma vez que a sociedade ainda não reconhece a importância da agricultura familiar, mesmo sendo um dos setores responsáveis pela manutenção da alimentação saudável da população brasileira.

Neste contexto, segundo o agricultor familiar Cosme, “o campo é um lugar de resistência”, afirmando que, cada vez mais, o agronegócio está crescendo e que a agricultura familiar está sendo desvalorizada. É nesta perspectiva que o campo e o pequeno agricultor levantam enfrentamentos e lutas, em busca de reconhecimento e de valorização, pois, muitas vezes, como afirma Cosme, “os agricultores familiar são vistos como coitadinhos, como os que trabalham muito e tem tão pouco, mas verdade o que eles possuem é a felicidade de poder plantar e colher e de saber o que ele planta também sacia a fome de outros”.

A partir desta fala de Cosme, a nossa sociedade ainda é muito excludente para com os povos do campo, tentando, a todo momento, descharacterizá-los, afirmando que o campo é um lugar de atraso e retrocesso tendo as grandes metrópoles como referência de bem viver. Por isso que se faz cada vez mais necessário este lugar como de resistência no sentido de permanecer na luta pelo campo e por condições de vida, até mesmo porque estes sujeitos não conseguem enxergar suas vidas fora desse contexto e não se imaginam fazendo outra atividade que não seja a agricultura, o manejo e o cultivo da terra.

Reconhecer a importância das narrativas desses sujeitos é compreender a sua importância para a comunidade local e para a sociedade como um todo. É entender as relações e intenções que estão envolvidas no crescimento exacerbado do agronegócio; é identificar a resistência e a luta como pilares da vida no campo, de maneira que estes saberes tradicionais não se percam em meio a tanta tecnologia e inovações e que estas vivências e experiências sejam difundidas, a fim de compreender que temos muito a aprender com os povos do campo por meio das diversas trocas de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Em vista dos argumentos apresentados, conclui-se que vivenciar o estágio supervisionado no coletivo *Prosas do Campo* possibilitou-nos uma experiência importante para nossa formação tanto acadêmica quanto pessoal. Neste sentido, o estágio é uma aprendizagem que nos induz a compreender a importância da educação não escolar, permitindo-nos aguçar o que aprendemos na teoria, de modo a poder contribuir para a formação desses sujeitos que permeiam tais espaços.

A partir dos nossos estudos teóricos, percebemos, na prática, a importância dos espaços não escolares na perspectiva da Educação Popular para a formação desses sujeitos. O espaço da feira valoriza e reconhece todos os saberes que circulam em seu interior, por ser um ambiente que garante a inclusão e a valorização dos conhecimentos acumulados por parte de seus coletivos. Por isso, a necessidade de discutir e permear estes espaços no sentido de compreender estes lugares como educativos e repletos de saberes tradicionais, que precisam ser valorizados na perspectiva educacional, uma vez que estes espaços também contribuem para a formação dos sujeitos que experienciam estes ambientes.

O espaço não escolar e, em especial, a *Prosas do Campo* levam em consideração o processo de trocas de saberes, a valorização da agricultura familiar e da economia solidária, a Educação Popular, os saberes tradicionais, assim como a formação humana enquanto pessoas conhecedoras

de si mesma e das relações da sociedade que as cerca. Assim, esse processo de trocas de saberes provoca possibilidades do reconhecimento deste espaço, que, por sua vez, vem colaborando para a constituição e a formação de sujeitos mais conscientes e críticos.

Portanto, o estágio nos proporcionou conhecer um pouco a história dos sujeitos que compõem a feira, entendendo o processo que eles vivenciam estando naquele espaço, levando em consideração os saberes que estão para além das escolas. Aprendemos que a coletividade é importante para nossa formação e nosso desenvolvimento como profissionais da educação, ressaltando o valor do trabalho em equipe.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Valéria A. Histórico da Educação não formal. In: I Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas. São Carlos, 2006. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~crepa/crepa/praticas.html>. Acesso em: 15 ago. 2019.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. ARANTES, V.A. (org) *Educação formal e não-formal*. São Paulo Summus, 2008.

MELO, José Francisco de. *Extensão Universitária – diálogos populares*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UESB, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo. 2015.

PINTO, J. B. G. *Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados*. Belém: UFPA/Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

SEVERO, J. L. R.L Estudos RBEP. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 96, n. 244, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2019.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986